

Apresentação

Pedro Demo¹
Renan Antônio da Silva²
Maria Cecília de Souza Minayo³

Talvez por conta da pandemia de 2020, as pessoas estejam mais contritas e sensíveis. Tenho visto algumas reiteraões da pedagogia do amor, em geral citando Maturana, que tem sido o principal patrono da ideia. Nada mais necessário, também

¹ Possui graduação em Filosofia - Bom Jesus (1963) e doutorado em Sociologia - Universität Des Saarlandes/Alemanha (1971). Professor titular aposentado da Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia. Professor Emérito. Fez pós-doutorado na UCLA/Los Angeles (1999-2000). Tem experiência na área de Política Social, com ênfase em Sociologia da Educação e Pobreza Política. Trabalha com Metodologia Científica, no contexto da Teoria Crítica e Pesquisa Qualitativa. Pesquisa principalmente a questão da aprendizagem nas escolas públicas, por conta dos desafios da cidadania popular. Publicou mais de 100 livros. Pesquisador 1B CNPq. E-mail: lepp@rc.unesp.br.

² Pós-Doutor pelos seguintes Programas de Pós - Graduação: Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/ Marília), História pela University of Warwick (Reino Unido), Ciências Sociais pela Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), Educação pela Universidad de Sevilla (Espanha), Ciências Sociais e do Comportamento pela Universidade da Corua (Espanha), Ciências Sociais pela Universidad de Buenos Aires (Argentina), Antropologia pela Universidade de Évora (Portugal), Psicologia pela Universidad de Tarapacá (Chile), Educação pela Universidad Autónoma de Madrid (Espanha), Educação pela Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia (UESB), Educação pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Pesquisador no Departamento de Pesquisa do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS. Professor Visitante no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: r.silva@unesp.br

³ Possui graduação em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1978), graduação em Ciências Sociais - City University of New York (1979), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985) e doutorado em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (1989). Desde 1997 é editora científica da revista Ciência & Saúde coletiva da Associação Brasileira de Saúde Coletiva e pesquisadora titular da Fundação Oswaldo Cruz. Tem experiência na área de Saúde Pública, com ênfase em Saúde Coletiva, atuando como professora, pesquisadora e orientadora principalmente nos seguintes temas: metodologia de pesquisa social, metodologia da pesquisa social em saúde pública, violência e saúde, causas externas, violência, violência autoinfligida, saúde coletiva e saúde e sociedade. Já orientou 80 teses e dissertações, publicou 225 artigos científicos publicados, 204 capítulos de livros e 40 livros sendo 7 individualmente e 34 como organizadora e em colaboração. É bolsista 1A de produtividade do CNPQ e pesquisadora emérita da FAPERJ e da FIOCRUZ. E-mail: lepp@rc.unesp.br

verdadeiro. No entanto, fica o gosto amargo de hipocrisia institucional, ao vermos que nosso sistema de ensino é tudo, menos pedagogia do amor. Pode soar à pieguice sonsa.

Vejo alguns educadores encantados com a ideia, pelos quais tenho o maior respeito, porque sei de sua integridade e competência acadêmica, mas fico pensando até que ponto é viável curtir esta ideia da pedagogia do amor, não só porque é estranha ao contexto eurocêntrico cartesiano, mas porque soa à cortina de fumaça para encobrir uma política educacional incrivelmente perversa. Aprendizagem quase não existe, sobretudo no Ensino Médio (EM), não levamos quase nada para a vida da escola (DEMO, 2020a), e a série histórica do Ideb desde 1995 escancara um sistema inepto, para não dizer inútil, sem perspectiva de mudança (DEMO, 2020). A miséria educacional atravessa os governos, independentemente da ideologia, porque o instrucionismo é a postura padrão, hoje globalizada, também acolhida oficialmente no PISA (DEMO, 2020b): o sistema é tipicamente de “ensino”, instrução, baseada na aula copiada para ser copiada, conteudista, tal qual aprecia a escola privada (ASPA-DF, 2014; PEROSA & DANTAS, 2017).

Difícilmente, entretanto, pode-se ser contra a pedagogia do amor, venha de onde vier, porque educar implica certamente um ato de amor, de aceitação do aluno, de reciprocidade intensa. Sendo, porém, laica a escola, civil, não cabe infiltrar nela posições que reverberam arquiteturas com eflúvios religiosos ou similares, também porque, se, de um lado, alguém fala de amor, do outro, alguém fala de moral e cívica, disciplina, obediência. As teorizações de Maturana são muito impactantes, mantêm-se no ar por décadas, em geral com muito acato, mesmo complexas e surpreendentes. Têm muitos méritos, em especial o epistemológico, ao lado do biológico, embora se trate de posição também controversa, tanto assim que, no mundo dito desenvolvido, sua penetração é pouco perceptível. Como teste casual disso, note-se a entrada na Wikipédia (Humberto Maturana): na versão inglesa, tem pouco mais de uma página; na portuguesa, tem quatro. Junto com Lettvin (do MIT) foi indicado para o Nobel de medicina e fisiologia, embora não tenha obtido a premiação. É conhecido sobretudo pelo conceito de autopoiese, a capacidade dos seres vivos de se autodefinirem, autoconstruírem, também se autorrenovarem, uma das bases mais importantes biológicas da aprendizagem (autoral).

Neste texto, busco ponderar sobre as teorizações de Maturana, de maneira aproximativa e preliminar para entender o que seria pedagogia do amor, também possíveis restrições (BARCELOS, 2006, 2007; BRETAS, 2018; MORAES, 2003; NAPUTANO & JUSTO, 2018; PELLANDA, 2009; ROSSETTO, 2008; SCHLICHTING, 2007; TREIN & BACKES, 2009). Maturana tem charme notório, também porque se comunica de maneira coloquial extraordinária, provocando mudanças importantes no âmbito acadêmico, também chocando a muitos, por ser frontalmente divergente do positivismo dominante e do racionalismo cartesiano entranhado na academia.

Ninguém será contra assumir a dimensão do amor como inspiração mais fundamental da pedagogia. Mas isto é bem diferente de exarar, pragmaticamente, uma pedagogia do amor, com reformulação, por exemplo, da práxis escolar. Quando assumimos a formação socioemocional na escola, parece consensual que não se reduz apenas ao lado da aceitação do outro, da harmonia ambiental, do entrosamento e qualidade de vida. Inclui, na mesma dimensão, a ambiguidade da vida, seus lados complicados, os conflitos, as lacunas, também os infintos problemas nesta área. Entendemos que seria afoito achar que, pregando o amor, vamos debelar os desafios socioemocionais na escola, porque uma política educacional não pode ser apelativa, moralista, simplista. Ao mesmo tempo que se inspira no amor como acatamento do outro, precisa dar conta dos problemas socioemocionais, dos desencontros, dos déficits, das depressões, dos desencantos. Por outra, seria antipedagógico montar uma política escolar apenas baseada nos problemas, só vendo problemas, como se os alunos só fossem problema. Aí entra Maturana, lembrando que a vida tem, em sua camada biológica, a inscrição da aceitação do outro, da convivência cooperativa e igualitária.

Em geral, mesmo sob discordâncias que considero naturais, há acordo em que podemos aprender muito de Maturana, também porque facilmente nos vira pelo avesso. Repensando Piaget, ele via na criança que monta um esquema mental para entender a realidade que a cerca, para logo depois se deparar com o incômodo de que a realidade não cabe aí, precisando mudar, sublinha-se o gesto autopoietico (ou simpoietico) de revisar sua autoria constantemente: aprender é desestruturar-se, para se estruturar em nível mais elaborado, e assim indefinidamente. O que Maturana mais facilmente provoca é a desestruturação mental de que precisamos para nos renovar.

Em parte pelo menos, Maturana é injustiçado, porque é um dos gigantes da biologia moderna, mas pouco acatado no mundo desenvolvido, também por despeito: alguém da América Latina não pode ter esta importância toda! Este despeito inclui incômodos flagrantes quando ataca de peito aberto o positivismo científico, objetivista, como deturpador da realidade. Ocorre que o positivismo é, em ambientes com o americano acadêmico, bíblico, canônico, intocável. Contrapor-se é visto como gesto de gente do Terceiro Mundo, atrasada, assim como se vê pesquisa qualitativa facilmente como recôndito duvidoso de pretensos pesquisadores.

Referências

ASPA-DF. 2014. ENEM, **As escolas conteudistas saem na frente**. 22 Dez. Disponível em: <<http://www.aspadf2011.org.br/2014/12/enem-as-escolas-conteudistas-saem-na.html>>

BARCELOS, V. Por uma ecologia da aprendizagem humana – o amor como princípio epistemológico em H.R. Maturana. **Revista Educação XXIX** (3):581-597, 2006. Disponível em: <file:///Users/Pedrodemo%201/Downloads/494-Texto%20do%20artigo-1819-2-10-20110601.pdf>

BRETAS, A.L. 2018. **O que aprendi com Maturana sobre o amor, a educação e a vida.** Disponível em: <https://medium.com/@alex Bretas11/o-que-aprendi-com-maturana-sobre-educa%C3%A7%C3%A3o-e-sobre-a-vida-4dc3964a3027>

DEMO, P. 2020a. **O que resta da escola na vida.** Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1swMQ-4m1DKJ4Nhfa_CbxrR4upYKZLPBG/view>

MORAES, M.C. Educar na biologia do amor e da solidariedade. Rio de Janeiro:Vozes, 2002.

NAPUTANO, M. & JUSTO, J.S. A biologia do conhecer de Maturana e algumas considerações aplicadas à educação. **Ciência da Educação** 24(3):729-740, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1swMQ-4m1DKJ4Nhfa_CbxrR4upYKZLPBG/viewhttps://www.scielo.br/pdf/ciedu/v24n3/1516-7313-ciedu-24-03-0729.pdf>

PELLANDA, N.M.C. **Maturana e a Educação.** São Paulo: Autêntica, 2009.

PEROSA, G.S. & DANTAS, A.S.R. A escolha da escola privada em famílias dos grupos populares. **Educação e Pesquisa** 43(4):987-1004, 2017.

ROSSETTO, E. A educação à luz do pensamento de Maturana. **Educação Especial** 32:237-246, 2008. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1swMQ-4m1DKJ4Nhfa_CbxrR4upYKZLPBG/view-https://core.ac.uk/download/pdf/https://core.ac.uk/download/pdf/270298687.pdf>.

SCHLICHTING, H.A. **A biologia do amor e a biologia do conhecimento de H. Maturana:** Contribuições à formação de professores e à educação ambiental. Dissertação de Mestrado, UFSM, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6787/HOMEROSCHLICHTING.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

TREIN, D. & BACKES, L. A biologia do amor para uma educação sem distâncias. 15º Congresso Internacional ABED de Educação a Distância – **CIAED**, 2009. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/1552009214901.pdf>

Recebido em: nov.2020

Aceito em: dez.2020